

DEAMBULAÇÕES: A FORMAÇÃO ARTÍSTICA NA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA.

Fábio Wosniak – CEART/UDESC
Jociele Lampert – CEART/UDESC

RESUMO: Deambulações: a formação artística na Graduação em Pedagogia é uma reflexão acerca do percurso de construção da pesquisa de Mestrado EM ARTES VISUAIS NA UDESC (2013 - 2015). O presente trabalho apresenta como foi desenhado o caminho até a metodologia escolhida para pensar as Artes Visuais na Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC. A escolha por este método de pesquisar, buscando olhar para as subjetividades, encontra-se com maneiras mais poéticas de falar sobre Arte/Educação. Nesse percurso a razão está re-unida a imaginação, não é o objetivo desta pesquisa explicar ou revelar dados. O que se busca são pistas, dispositivos, intesidades buscando expressão. Por isso, o trabalho com a cartografia requer atenção, uma atenção flutuante, onde tudo é apreendido, observado, considerado. O desafio é orientar esse desassossego.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Formação de pedagogos (as). Cartografia.

ABSTRACT: *Wanderings: artistic training in Graduate Education is a reflection on the journey of building the Research Master IN VISUAL ARTS IN UDESC (2013-2015). This work shows how it was designed the way to the methodology chosen to think the Visual Arts in Pedagogy from the University of the State of Santa Catarina - FAED / UDESC. The choice of this method of search, searching look subjectivities, is more poetic ways of talking about Art / Education. In this course the reason is re-united with imagination, is not the goal of this research explain or reveal data. What is sought are clues, devices, intesidades seeking expression. Therefore, working with mapping requires attention, floating attention, where everything is perceived, observed, considered. The challenge is to guide this unrest.*

Keywords: *Art education. Training of teachers. Cartography.*

1. Introdução.

... o caminhar revela-se útil (...) como instrumento cognitivo e projetual (...) o caminhar como instrumento estético.

Francesco Careri

Este texto tem como foco apresentar o percurso de uma pesquisa de Mestrado que envolve as Artes Visuais no Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Santa Catarina.

O interesse em investigar como vem acontecendo o ensino de Artes Visuais na Licenciatura em Pedagogia da UDESC, parte, inicialmente da inquietação provocada em uma saída de estudo que realizei no segundo semestre de 2013.

Essa inquietude apontava para a carência que tive no percurso da minha formação como Pedagogo. Observei, ao retornar dos meus estudos na Universidade Regional do Cariri que inexistia, na formação do Pedagogo, disciplinas que propiciasse conhecimentos acerca dos conteúdos específicos das Artes Visuais, especificamente na trajetória da minha formação.

É relevante salientar, já nas primeiras linhas desse trabalho, que não defendemos a ideia de polivalência ou, a de que seja o pedagogo o profissional responsável em ministrar as aulas de Artes Visuais.

O que perseguimos com essa pesquisa de Mestrado?

No ano de 2006, foi lançada uma Resolução (CNP/CP 15/0506) que revelava as novas diretrizes para os Cursos de Licenciatura em Pedagogia no Brasil. Essa Resolução, que está vigorando nas graduações, aponta questões importantes para serem debatidas, principalmente, quando na sua redação é explicitado que uma das atividades do Pedagogo (a) é a de ensinar Artes.

Na Universidade, onde pesquisamos é oferecida a disciplina de Artes Visuais com três créditos na terceira fase.

Um dos objetivos da disciplina, que encontra-se redigido no Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia é o de:

Proporcionar uma formação apoiada na aquisição de saberes específicos atinentes a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, especificamente na área de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Artes, bem como conhecimentos didático-pedagógicos que assegurem o desempenho

qualificado da função docente. (PPP do Curso de Licenciatura em Pedagogia, UDESC/FAED, p. 04).

Como vem ocorrendo essa formação é o que estamos observando nessa primeira etapa da *pesquisa-intervenção-em-construção*. Utilizamos esse termo porque a pesquisa esta em andamento, ela (a pesquisa) vem se dando e, acreditamos também que as respostas para esse problema não se findarão na dissertação. O que acreditamos ser possível de encontrar serão *pistas, percursos, caminhos*, que nos revelarão como tornar possível a construção de um diálogo entre essas duas áreas do conhecimento - Artes Visuais e Pedagogia, ou melhor, que lugar a Arte/Educação ocupará na formação do Pedagogo (a).

No deambular desta pesquisa encontramos “apoio” na metodologia cartográfica, pois “a implicação do aprendiz-cartógrafo deve posicioná-lo sempre ao lado da experiência, evitando os perigos da posição, bastante comum nas pesquisas tradicionais, do falar sobre.” (ALVAREZ e PASSOS, 2012, p. 142).

Não nos interessa exclusivamente, falar sobre Artes Visuais na Licenciatura em Pedagogia. Estamos dispostos a perscrutar como esses futuros pedagogos (as) experimentam os seus saberes estéticos a partir dos conhecimentos específicos das Artes Visuais, ou seja, como pensar uma formação estética dentro da Licenciatura em Pedagogia.

A ideia motriz desta pesquisa, que tem como método a cartografia é a de cultivar no ambiente da pesquisa, um *saber-sabor* no tocante aos conhecimentos da área de Artes Visuais. O que está sendo construído é um “saber com”, esse “saber com” está diretamente ligado ao aprender com os eventos à medida que os acompanhamos, o saber é construído considerando os envolvidos na pesquisa, seus desejos, angústias, suas singularidades, sendo o cartógrafo o sujeito que age considerando esses eventos. Nesse sentido que o saber possui um sabor, uma especificidade para cada participante da pesquisa. (ALVAREZ e PASSOS, 2012).

Somente considerando o que cada envolvido na pesquisa experimenta em Artes Visuais que acreditamos nos aproximar do que Dewey (2010) considera *ter uma*

experiência. O autor revela que “a experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência”. (DEWEY, 2010, p.110).

É essa experiência autossuficiente que perseguimos com a pesquisa no Mestrado em Artes Visuais para a Graduação de Pedagogia. Estamos buscando caminhos que nos levam a essa experiência vital, de que nos fala Dewey, como uma proposta de formação docente em uma Licenciatura de Pedagogia com propostas artísticas.

Consideramos que uma pesquisa em Educação, pautada nas Artes Visuais, permitirá ao futuro pedagogo (a) um contato com os aspectos únicos da cultura e da experiência humana. Como também, entrar em contato com sua poética, sua maneira singular de observar o mundo, seu entorno. Buscando “novas formas” de problematizar as coisas do mundo.

2. Pesquisa e desassossego: encontrar uma metodologia.

O mapa, assim como a arte que dele deriva, é em si fundamentalmente uma estratificação (overlay) – ele é simultaneamente um lugar, uma viagem e um conceito mental; abstrato e figurativo, distante e íntimo. Os mapas são como instantâneos de viagem, uma paralisação da imagem. A fascinação que experimentamos por eles deve ter relação com nossa necessidade de adquirir uma visão de conjunto, de situarmo-nos e de compreender onde estamos.

Lucy Lippard



Imagem 2: Cartografia. Monotipia com tinta óleo. Arquivo pessoal.

Encontrar-se é desencontrar-se.

Quando ingressei no Mestrado, mais precisamente em agosto de 2013, logo nos primeiros encontros de orientação, era indagado pela minha orientadora, sobre os percursos, os caminhos da minha pesquisa.

Quando esses questionamentos me chegavam através das inquietações acerca da minha pesquisa, na voz da minha orientadora, nas nossas tardes de encontro regadas a café e doces de chocolate, eu não percebia onde tudo poderia dar... que trilhas eram aquelas que pareciam não ter um direcionamento. O que sobressaia daquelas inquietações – memórias com saber de café e chocolate.

Nossos encontros de orientação, sempre aconteceram e acontecem, assim, de forma afetiva, encontros que tem corpo, cheiro, forma, sabor – *encontro-vivido-de-corpo-inteiro*.

Mas, ainda não foi nesse segundo semestre de 2013 que me dei conta da força da orientação nesse formato – de corpo inteiro. Nem, tampouco, depois de outros percursos que darão forma/conteúdo à minha/nossa pesquisa sobre as Artes Visuais na Licenciatura em Pedagogia. Foi a muito pouco tempo, revirando páginas de livros, lendo meus referências poéticos, como o Livro do Desassossego de Fernando Pessoa (2011), que caminhei nos traços de como chegamos a metodologia de pesquisa cartográfica.

Antes de fazer esse relato é importante esclarecer, o porquê do título desse trabalho, como também, evidenciar os caminhos que conduzem o relato até o encontro com a metodologia, antes dos resultados. Alguns poderiam estar esperando os resultados que chegamos com a nossa *pesquisa-em-andamento*, nessa aventura de “mergulhar” no campo da importância das Artes Visuais na formação de pedagogos (as).

Afinal, passaram-se um ano, metade do mestrado. Mas o que pretendemos dividir com o leitor é o processo, ou melhor, a processualidade de dois pesquisadores em Arte/Educação comprometidos com seus desejos – que as Artes Visuais sejam uma

experiência viva nessa pesquisa de Mestrado. Falaremos sobre essa experiência viva mais adiante.

Retomemos os caminhos onde encontramos a metodologia para a pesquisa.

Quando colocamos a palavra processo de lado e, passamos a usar *processualidade*, encontramos o sentido em caminhar lado a lado com a cartografia.

Como explicam Barros e Kastrup (2012, p. 58),

Falar em investigação de processos exige que se faça uma advertência, pois a palavra processo possui dois sentidos muito distintos. O primeiro remete à ideia de processamento, o segundo à ideia de processualidade.

O que os autores estão nos advertindo? E como tomamos o conceito de processualidade nessa pesquisa que levou a compreender e dar corpo a toda à pesquisa, como também ao percurso do Mestrado?

Seguindo a ideia de Barros e Kastrup (2012), não pretendemos coletar dados, dar informações sobre como está acontecendo a disciplina de Artes Visuais na Graduação de Pedagogia da FAED/UDESC.

Fazer da pesquisa um processo, seria dar informações, ou seja, ter uma concepção pautada no conhecimento como teoria da informação. (BARROS e KASTRUP, 2012).

Como salienta Larrosa (2002), sobre informação e experiência: “a informação não é experiência (...) a informação não deixa lugar para a experiência (...) a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência”. (LARROSA, 2002, p. 21-22).

Se a informação anula a experiência, assim como o resultado em processos, somos levados a pensar em outras possibilidades de dar vida à pesquisa, nesse caso, nos nutrimos no conceito de processualidade. Esse conceito é o coração de toda a pesquisa, tendo em vista que a metodologia cartográfica procura do cartógrafo uma reviravolta nos conceitos – não estamos coletando dados, mas sim, produzindo dados.

Produzir é fazer artesanalmente, como ir bordando com linhas delicadas um caminho-desenho, esse caminho-desenho é desenhado com delicadeza porque envolve o saber acerca das subjetividades, que está sempre em curso.

Convido ao leitor para voltarmos aos primeiros parágrafos deste tópico, onde falei sobre o cheiro-sabor da dupla, chocolate e café. Quando nos encontrávamos, orientando e orientadora, nossas orientações já localizavam-se no conceito de processualidade. A pesquisa onde ambos estão abertos a falarem dos seus desejos, dando forma, corpo e sabores ao “invisível”, é o que Paulo Freire (2013, p.25) já enunciava sobre formação docente, o autor nos revela que:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferente entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma aos ser formado.

É com base nesses conceitos, de formar-se e ser formado, de considerar a subjetividade no campo da pesquisa, de saber que por todos os lados existem intensidades buscando expressões que é realizada toda essa pesquisa-intervenção. Desde as orientações até a escrita solitária do orientando e da orientadora.

Para alinhar um pouco mais essa parte do trabalho, quando eu era indagado sobre os caminhos da pesquisa, por onde eu pretendia caminhar, o que minha orientadora buscava, compreendo agora, ela procurava me dar pistas, inquietar meu estado – desassossegar-me, como ela mesma me disse um dia: “você lê Pessoa, desassossegue-se”. Entendi, a poucos dias o que é desassossegar-se.

Encontro I.

Não pensar por palavras, mas criar um estado de sentimento.

Clarice Lispector

No segundo mês do ingresso no Mestrado (setembro de 2013), recebi a proposta da minha orientadora, em fazer um estudo de campo com o Professor da Universidade Regional do Cariri – Prof^o. Dr^o. Fabio José Rodrigues da Costa¹

Os caminhos à processualidade se davam o tempo inteiro.

Primeiro que eu nunca havia ido ao Nordeste. Pensar no calor que existia nas terras acima da minha me desesperava. Mas aceitei a proposta com o mesmo desejo que aceitava o café e os doces de chocolate dos nossos encontros de orientação.

As frases que anotei antes de embarcar eram as seguintes:

Para viajar basta existir². (Fernando Pessoa)

E adianto a frase que anotei quando voltei dessa imersão na *experiência-viva*:

*A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos³.
(Fernando Pessoa)*

O que encontrei nessa semana, quase primaveril na cidade de Juazeiro do Norte/Ceará, que deu uma reconfiguração a toda a minha pesquisa?

Foi exatamente, quando retornei dessa vivência que compreendi os momentos vividos na orientação.

Experiência. Ou seja, a experiência deweyana, onde esta é contínua, ela é uma interação do ser vivo com tudo que o envolve – é viver.

A experiência da qual nos fala Dewey (2010) e, que perseguimos na nossa pesquisa, se trata do que o autor revela sobre a experiência ser vital, eu arrisco em acrescentar, pulsante.

Foi exatamente no momento que abandono a minha zona de conforto, onde me lanço e sou lançado ao desconhecido que começo a esboçar um plano de pesquisa que potencializa as minhas indagações e inquietações no tocante a ter uma experiência vital, pulsante em Artes Visuais, ou seja, pensar as Artes Visuais na medida em que vou experimentando do seu universo – falo aqui precisamente das minhas incursões no Grupo de Estudo ESTÚDIO DE PINTURA APOTHEKE⁴, coordenado pela minha orientadora a Prof^a. Dr^a Jocielle Lampert (UDESC)

Nos estudos que realizamos no Grupo Apotheke, chegamos ao que Dewey (2010), nos chama a atenção sobre a qualidade da experiência, segundo o autor:

(...) nenhuma atividade intelectual é um evento integral (uma experiência), a menos que seja completada por essa qualidade. Sem ela, o pensamento é inconclusivo. Em suma, a experiência estética não pode ser nitidamente distinguida da intelectual, uma vez que esta última precisa exibir uma chancela estética para ser completa. (DEWEY, 2010, p. 114).

Instigados pelas leituras que realizamos de Dewey (2010), somos levados a acreditar que uma pesquisa estritamente bibliográfica, não sustentaria nosso desejo de pesquisadores acerca do assunto Artes Visuais e Pedagogia.

Foi fundamental experimentar no corpo inteiro as Artes Visuais, fazer Arte, para pensar em uma pesquisa baseada nas Artes Visuais.



Imagem 3: Foto-registro do estudo de campo realizado na Galeria Experimenta (Setembro de 2013). Juazeiro do Norte/Ceará. Arquivo pessoal.

Esse é o nosso caminho. As obras de arte, os artistas e a teoria da Educação baseada nas Artes Visuais. Acreditamos que é esse o diferencial da nossa pesquisa

que assume a cartografia como método, por esta considerar que a “intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência”. (PASSOS e BARROS, 2012, p.17).

Foi, exatamente, esse mergulho na experiência que eu trouxe do meu estudo de uma semana na Universidade Regional do Cariri, junto com o Profº. Drº. Fábio José Rodrigues da Costa, quando fui surpreendido com a seguinte pergunta:

A pesquisa com a orientação que Jociele vai dar, você precisa se distanciar um pouco, pensar em como foi sua formação nesse curso? Quais são as críticas que você faz a sua formação? O que mudou ao ingressar e, ao se formar? O que mudou? (COSTA, Fábio J. R. Da. **Entrevista concedida a Fábio wosniak.** Juazeiro do Norte, 23 set. 2013. Entrevista.)

Nesse momento meu roteiro, previamente elaborado foi deixado de lado e surgiu não o inesperado, mais a pesquisa acontecendo – a reversão do sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. (PASSOS e BARROS, 2012).

Configurava-se nesse momento, tudo o que eu estava buscando no Mestrado, mas que ainda não conseguia vislumbrar e, me foi oportunizado junto a orientação e a primeira viagem de estudo – distanciar a pesquisa de uma perspectiva funcionalista e, mais perto de vivências em Artes Visuais.

Essas vivências em Artes Visuais, mais próximas à pesquisa, nos permitiu e, continuam permitindo, construir uma cartografia da experiência, ou seja, primeiro experimentamos as práticas artísticas, em estudo de campo, no Grupo Apotheke, para voltarmos a pensar em como vamos construir os “primeiros passos da pesquisa”.

É um trabalho “experimental”, ele acontece inteiramente pela experiência vivida dos pesquisadores, um trabalho (da e) pela experiência. Esse mergulho na experiência permite ao pesquisador-cartógrafo revisitar seus afetos, inundar-se na sua subjetividade, construir redes de saberes, aprender a olhar de todos os ângulos e,

principalmente, a aprender quais as matérias que expressam, favorecem o seu percurso. (ROLNIK, 2011).

Diante do caminho percorrido até o momento, nossa experiência nesse primeiro ano de pesquisa, nos revelou que buscar as Artes Visuais a partir dela mesma – a Arte pela Arte, para entender como se constrói um projeto educativo em Artes Visuais é a chave para esse projeto.

O foco dessas vivências artísticas, da imersão em tornar concreta uma experiência em Artes Visuais, parte primeiramente, de uma concepção onde os pesquisadores constroem suas geográfias próprias, ou seja, vivenciam na carne a sua poética. Para a partir de suas experiências, darem “corpo” a seus projetos de formação em Artes Visuais.

Essas vivências experimentadas, transformadas em experiências vivas, ou experiências singulares (DEWEY, 2010), propiciam ao pesquisador criar uma unidade no seu trabalho.

Que unidade falamos aqui?

Falamos da unidade em que a experiência singular está acima da percepção. A experiência que perseguimos é aquela em que os sujeitos vivenciam e que são absorvidos “e incorporam as consequências de atos interiores, e, a menos que esses atos sejam de extremos capricho ou pura rotina, cada um traz em si um significado que foi extraído e conservado”. (DEWEY, 2011, p. 140).

É desse “estado de conservação”, que nos fala Dewey, a base de suprimentos para a elaboração do nosso projeto artístico com os graduandos do Curso de Pedagogia.

Oportunizar o encontro desse futuro profissional com vivências estéticas significativas. A ideia inicial é encontrar-se com sua forma singular de expressar-se no mundo com as Artes Visuais e, posteriormente, pensar na relação Artes visuais e Educação.

3. Mapeando os percursos.

... durante todo este percurso que é o acontecer da criação,
deparo-me com hiatos, saltos, rompimentos, mortes.

Sofia Neuparth

Para continuar o mapeamento da pesquisa foi preciso encontrar esses hiatos, os saltos, onde romperíamos e, como romperíamos, e o que morreria.

Os saltos sempre acontecem nos momentos em que compartilhamos a experiência, seja no Grupo de Estudos Apotheke, nos encontros de orientação, nas leituras – “teoria é sempre cartografia” (ROLNIK, 2011, p. 65), nas viagens de estudo... olhar e ver sempre um salto.

Os hiatos são as perguntas, os silêncios necessários, a ansiedade de querer compreender tudo, mesmo sabendo que isso é impossível, o encontro com a limitação; um respiro.

O rompimento é com toda a forma de cristalização de ideias e pensamentos, com as verdades absolutas, com as impossibilidades de devaneios e imaginação. Como propôs Fernando Pessoa (2011), será preciso *aprender a desaprender*. Então, o rompimento maior é com a nossa forma fragmentada e pouco criativa de aprender sobre as coisas-do-mundo.

Para que aconteçam os saltos, os hiatos e os rompimentos significativos é preciso morrer.

A morte que deflagro aqui é a morte anunciada por uma criança de seis anos, que ouvi quando ministrava aula de Artes Visuais em uma escola de Educação Básica. A criança dizia que: “a morte é quando dormimos”.

A frase da criança de seis anos lembra o lugar de repouso da experiência anunciada por John Dewey (2011), é o momento de absorção do ato, quando transformamos o ato em algo particular, singular – nosso.

A morte, nesse sentido é *mitopoética*. Ela encontra-se com a fantasia, um modo de dizer que nos leve para “outro tempo”, aquele não cronológico; como

também, para “outro espaço”, não o da geografia física, mas para as nossas cartografias de desejos.

Durmo e desdurmo, anuncia Fernando Pessoa (2011), na sua autobiografia.

A morte mitopoética anuncia a transformação, como representada nas cartas do tarot.

É preciso morrer para encontrar-se em estado de descanso e desassossego.

Superar os tabus, brincar com as palavras e com a ordem das coisas, positivar a fantasia, dar espaço para o brincar, como nos fala Winnicott (1975) em seus escritos sobre a infância.

Afinal, os estudos aqui desenvolvidos pensam a formação do futuro profissional responsável pela educação de crianças.

Esses são os percursos a serem sempre percorridos, são os mapas que constituem todo o trabalho desta pesquisa – hiatos, saltos, rompimentos e mortes.

NOTAS

1 – Fábio José Rodrigues da Costa: Coordenador do DINTER Artes UFMG-URCA (2013-2016), Chefe do Departamento de Artes Visuais, Líder do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos - GPEACC/CNPq, Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino da Arte - NEPEA, Representante do Brasil no Consejo Latinoamericano de Educación por el Arte - CLEA, Diretor de Relações Internacionais da Federação dos Arte/Educadores do Brasil - FAEB, Membro da Rede Iberoamericana de Educação Artística - RIAEA, Membro associado da Federação dos Arte/Educadores do Brasil - FAEB.

2 e 3 – Anotações de viagem. Caderno de viagem de Fábio Wosniak, ano de 2013.

4 – Grupo de Estudo pela pintura Apotheke: Grupo de estudos coordenado pela Profª Drª Jocielle Lampert, vinculado a área de pintura (UDESC) com alunos, ex alunos, bolsistas de IC, extensão e alunos de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado em Artes Visuais).

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto alegre: Sulina, 2012. P. 131-150.

COSTA, Fábio J. R. Da. **Entrevista concedida a Fábio wosniak**. Juazeiro do Norte, 23 set. 2013. Entrevista.

BARROS, Laura Pozzana de e KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto alegre: Sulina, 2012. P. 131-150.

BRASIL. **Resolução Conselho Nacional de Educação/CP nº 1**, de 15 de maio 206. Disponível em : http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 10 jun. 2013.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FLORIANÓPOLIS, Universidade do Estado de Santa Catarina –UDESC/FAED. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia**. 2010. Disponível em: < http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/495/pedagogia_2012.pdf> . Acesso em 30/01/2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. R.J.: Editora Paz e Terra, 2013.

BONDIA, Jorge Iarrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. REV. Bras. Educ. [online]. 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.17-32.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar & a Realidade**. R.J.: Imago Editora LTDA, 1975.

Fábio Wosniak

Mestrando em Artes Visuais na Linha de Pesquisa Ensino das Artes Visuais - PPGAV/UDESC, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Jocielle Lampert. Pedagogo com habilitação em S.I. e E. I /2006 e S.E./2012 - FAED/UDESC. Integrante do Grupo de Estudos pela pintura Apotheke, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Jocielle Lampert.

Jocielle Lampert

Desenvolveu pesquisa como professora visitante no Teachers College na Columbia University. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009); Mestre em Educação pela UFSM (2005). Professora Adjunta na Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua no Mestrado em Artes Visuais PPGAV/UDESC na Linha de Pesquisa de Ensino de Arte e na Graduação em Artes Visuais DAV/UDESC.